





Castelo Branco na ESG (ao lado): entre os ouvintes, um dos cérebros do IPES, Golbery. Acima, a marcha com Deus de São Paulo: produto de uma estratégia de tomada do poder

lentas acusações já ouvidas na história da República. Agora, dezessete anos depois do movimento que em março de 1964 depôs João Goulart, o IPES, IBAD e numerosas outras siglas filiadas, associadas ou assemelhadas voltam num trabalho de fôlego, elaborado por um cientista político de 37 anos, nascido no Uruguai, com nome francês — René Armand Dreyfuss — e tese de mestrado na Universidade de Leeds, Grã-Bretanha (\*).

**Cem caixas.** René Dreyfuss é autor de 1964: *A Conquista do Estado — União Política, Poder e Golpe de Classe*, livro a ser publicado proximamente pela Editora Vozes. Trata-se da mesma tese apresentada pelo autor, no ano passado, em Leeds — um trabalho de seiscentas páginas datilografadas e quinhetas de documentos, que tem suas origens em 1975, quando Dreyfuss desembarcou em Glasgow, na Escócia, com a idéia de, em seu curso de doutorado na universidade local, estudar “o Estado tecnoburocrático-militar”. Mais precisamente, era o Estado brasileiro que estava na mira do uruguaio Dreyfuss.

Ao iniciar seu trabalho de campo, porém, com entrevistas e pesquisas no Brasil, Dreyfuss deslocou ligeiramente o objeto de seu trabalho. Desinteressou-se pelo estudo do “Estado tecnoburocrático-militar” em estado puro. Preferiu concentrar-se nas circunstâncias práticas que possibilitaram seu surgimento e desenvolvimento no Brasil. E para isso contribuiu um fato fundamental: o acesso que, graças às indicações de antigos “ipesianos”, pôde ter a cerca de cem caixas de cartas, relatórios, atas de reuniões e papéis semelhantes — os arquivos do IPES.

Essa documentação faz parte do livro de Dreyfuss. Nela há desde textos que ajudam a esclarecer a ideologia, os objetivos e o alcance da ação

(\* Uma apresentação do livro de Dreyfuss e alguns dos documentos nele contidos também estão sendo publicados pela revista *Status* deste mês

do IPES até curiosidades como uma carta do então tenente Heitor Aquino Ferreira, assistente do general Golbery, a uma ex-estudante da Faculdade Nacional de Filosofia, Sônia Segnanfredo, convidando-a a transformar em livro a série de entrevistas que havia concedido ao jornal *O Globo* sobre a “infiltração comunista” na universidade. Dessa carta surge, financiado e amplamente divulgado pelo IPES, o livro, famoso na época, *UNE — Instrumento de Subversão*.

**Variedade.** O livro de Dreyfuss mostra o IPES envolvido numa amplíssima variedade de ações, abrangendo praticamente todos os segmentos da sociedade brasileira. Não se tratava, apenas, de patrocinar publicações que fizessem frente à maré montante das organizações populares surgidas à sombra do regime populista-esquerdizante de João Goulart. Tratava-se, também, de tentar influenciar o governo por dentro, como no plano Tancredo Neves para 1962, ou no *lobby* que, através de organizações como a Consultec, se fazia para a liberação de verbas do BNDE para este ou aquele projeto de desenvolvimento.

Não se tratava, apenas, de aglutinar a classe média em organizações como a Camde, no Rio, a União Cívica Feminina, em São Paulo, e numerosas outras associações de mulheres, num movimento de, primeiro, oposição e, depois, de desestabilização do regime que levaria às Marchas com Deus e outras iniciativas. Tratava-se, também, de penetrar nas classes trabalhadoras, com a infiltração em sindicatos e, mesmo, iniciativas como a criação de uma Universidade do Trabalho e um Curso de Alfabetização de Adultos em Campinas.

Ao descrever a amplitude e, geralmente, o bom êxito das iniciativas do IPES, Dreyfuss chega à primeira conclusão importante de seu livro: a ação do IPES não consistiu num fenômeno secundário entre todos aqueles que propiciaram a mudança de regime em



Gallotti, Garrido Torres, Azevedo Antunes e Glycon de Paiva: o núcleo fundador do IPES

# Os documentos do IPES

Como mostra dos objetivos e da ação dos "ipesianos", eis alguns trechos de três documentos contidos no livro de Dreyfuss:

• *Ata de reunião da Comissão Diretora do IPES, com os membros do Comitê Executivo de São Paulo, no dia 23 de novembro de 1962*

**PRESENTES:** Srs. João Baptista Leopoldo de Figueiredo (Pres. do Comitê Executivo-SP) – Glycon de Paiva, (V. Pres. do Comitê Executivo-Rio) – H.C. Polland (Pres. da Comissão Diretora-Rio) – A.T. de Azevedo Antunes (Pres. do Conselho Orientador-Rio) – Cândido Guinle de P. Machado (Vice-pres. do Conselho Orientador) – Guilherme Júlio Borghoff (Rio) – Gilberto Huber (Rio) – José Rubem Fonseca (Secret. do Comitê Executivo-Rio) – Paulo Werneck (Secretário do Comitê Executivo-SP) – Paulo Ayres (Comitê Executivo-SP) – Paulo Reis Magalhães (Tesoureiro-geral-SP) – Heitor Herrera (Comitê Executivo-Rio) – Flávio Galvão (Secretário-geral-executivo-SP) – G. Couto Silva (Chefe do Grupo de Levantamento) – Garrido Torres (Chefe do Grupo de Estudos-Rio) – Dênio Nogueira (Membro do Grupo de Estudos-Rio) – Liberato da Cunha Friedrich (Secretário-executivo-Rio).

*Presidente:* H.C. Polland.

**AGENDA** – I) Exposição dos trabalhos do IPES/SP – II) Coordenação Rio-São Paulo – III) Diretrizes Gerais do IPES (...)

## II) COORDENAÇÃO RIO-SÃO PAULO

**Antunes** – Completa esclarecimentos. Acentua a necessidade que há de o IPES "estar" em Brasília daqui para o futuro.

**P. Ayres** – As esquerdas têm maior interesse que os fatos se passem em Brasília, onde estão mais "soltas".

**Leopoldo de Figueiredo** – Volta ao assunto de Brasília, da Assessoria Mello Flores e Antunes, acentuando a necessidade de coordenar e concentrar esforços em Brasília, em conjunto com a Federação das Indústrias e Associação Comercial de São Paulo. *Sugestão:* Que Jorge Q. de Mello Flores vá a São Paulo, na próxima semana, para conversar sobre o assunto.

**P.R. Magalhães** – Convidamos também

A.T.A. Antunes, o qual concorda. **Leopoldo de Figueiredo** – Várias empresas americanas mantêm "antenas" em Brasília.

**Antunes** – Brasília não comporta com IPES, mas este deve estar presente lá. Há deputados que afinam 100% conosco. Não seria o caso de atraí-los? Já tenho um homem do meu grupo, permanentemente, em Brasília (do Grupo Antunes). E nas horas críticas reforço-o com mais seis (6) homens. **Glycon** – Um boletim diário, em Brasília, dando a situação com o máximo de atualidade e realidade, talvez fosse a solução ideal.



Comício de Jango, 13 de março de 1964: regime já falido

• *Documento de análise preparado pelo IPES-Rio, às vésperas da eleição parlamentar de outubro de 1962.*

(...) Sem dúvida, muito difícil seria avaliar o impacto real dos esforços realizados na preparação do esclarecimento da opinião pública, através das publicações variadas, do recurso ao rádio e à TV, do estímulo a todos os grupos de pressão atuantes em prol da democracia, bem como da catequese hábil de pessoas influentes. Mas dois testemunhos já estão bem à vista de todos. De um lado, a preocupação da grande maioria dos candidatos em se apresentarem como democratas convictos, em posição bem-definida contra quaisquer ideologias extremistas. E, de outro lado, a conversão da quase totalidade da imprensa à nossa linha democrática, contra

quaisquer extremismos e golpes. Em particular, no meio sindical assistiu-se ao revigoramento inegável de movimentos autênticos democráticos, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, com atuação ponderável nos episódios das greves gerais.

No setor estudantil, a reação às atividades extremistas da UNE pode ser bem avaliada pelo crescente número de desligamentos dos Centros Acadêmicos em vários Estados, bem assim como pela conquista mesmo da direção em algumas entidades estudantis (...). A conclusão de maior peso que ressalta, porém, de todo este balanço sumário dos resultados alcançados deve ser a de que muito, muito mais precisa ser feito, e com urgência, aproveitando-se o compasso de espera que parece vislumbrar-se agora, a fim de bem alicerçar entre nós a democracia, imunizando-a contra as investidas de qualquer colorido que

seja. Para tanto impõe-se não só um trabalho, em profundidade, de esclarecimento e educação do povo, nos mais diversos setores, mas também a promoção, sem tardança, das reformas indispensáveis à implementação, entre nós, de um clima sadio de justiça social, arrebatando-se, por fim, aos extremistas, as bandeiras progressistas de que tão nocivo e mistificador emprego vêm fazendo.

• *Carta de um dos líderes do IPES ao general Carlos Alberto Fontoura, diretor do Serviço Nacional de Informações (datada de 25/10/1969, fase em que vários "ipesianos" que haviam participado do governo Castello Branco já estavam aliados do poder).*

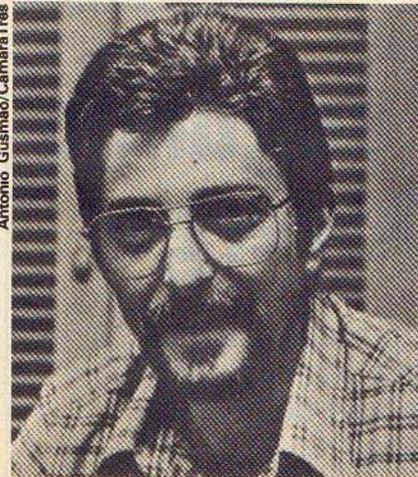
(...) É necessário buscar uma outra solução política para criar um Poder Político que se constitua na estrutura básica da Nação e que, associado ao Poder Militar, venha dar a este Povo e a esta Nação a tranquilidade e a paz que trazem o desenvolvimento e a grandeza de que somos carecedores e merecedores.

Não tenho essa fórmula, porém ou- saria indicar-lhe alguns caminhos, entre eles a aproximação do Poder Militar, hoje representando a Liderança Política e a Administração Pública do País, com certos grupos empresariais que, procurando dar a seu País o melhor que possuem sem a tônica da troca de favores ou a perseguição a postos ou posições político-administrativas, possam validamente ajudar com seu empenho patriótico, seu desinteresse, resultado, sobretudo, da sua sólida formação moral e posição financeira acima das ambições mais comuns, trazer um contingente válido de vivência dos problemas econômico-sociais e políticos para aliar-se a essa Força Militar, a qual, em certas medidas, carece dessas vivências.

Desse grupo aquele a que sou mais apegado é o IPES — Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, composto por homens civis e militares, que conseguiram criar um espírito de equipe, uma ação firme e decidida em prol da Revolução que todos nós desejávamos e que num momento de grave perigo para nossa Pátria se constituiu num baluarte de inteligência, ação e ajuda às Forças Armadas. Pode-se dizer, sem sombra de erro, que até mesmo o Presidente Castello Branco, quatro de seus ministros, o presidente do Banco Central e vários outros elementos graduados da Administração, inclusive o criador do SNI, saíram do grupo de homens que criaram e conduziram o IPES.

São homens de negócios, pensadores, economistas, homens de várias profissões, e que apenas gostariam de continuar a fazer aquilo que tem sido o escopo maior de suas vidas, serem úteis a sua Pátria e a seu Povo, sem pleitear quaisquer favores ou posições político-administrativas.

Não lhe parece, meu caro general, que seria útil utilizar-se o talento, a experiência e o patriotismo desses homens e de tantos outros grupos semelhantes a esses que existem pelo nosso País? Perdoe-me não ter sido mais conciso, talvez seja uma deficiência minha, ou talvez o reflexo da paixão com que encaro essas coisas.



Antonio Gusmão Camarãe Tress

Dreyfuss: "Não foi bonapartismo"

1964; foi um fenômeno central. O livro de Dreyfuss é mais um livro sobre 1964, mas com a importante diferença de, ao contrário da maioria dos outros, não colocar a ênfase na conspiração militar nem no apoio externo ao tentar explicar o golpe que depôs Goulart — mas na própria mescla de mobilização, agitação social, planejamento estratégico, manobras públicas e atividades encobertas que constituíram a ação do IPES.

**Escalada.** E que era esse IPES, a que Dreyfuss atribui importância decisiva tanto no movimento de 1964 como na construção do tipo de Estado erigido em seguida a seu triunfo? Aqui é preciso recuar alguns anos, para acompanhar o raciocínio que constitui o próprio cerne do trabalho de Dreyfuss.

No início da década de 50, diz o autor, já despontava como força predominante na estrutura econômica brasileira o que ele chama de "capital multinacional e associado", um grupo que, tendo seu centro de gravidade no crescente poderio das multinacionais, opunha-se à influência e aos valores da velha ordem, construída à sombra do "bloco populista oligárquico-industrial". E a crescente importância econômica do grupo passaria a ser projetada para a ação política com o surgimento de empresas de consultoria como a Consultec ou com a penetração em organismos empresariais como a FIESP-CIESP e as Câmaras Americanas de Comércio. Passo final nessa escalada foi a criação de grupos de ação como o IBAD e, enfim, de planejamento estratégico, como o IPES.

No início dos anos 60, segundo uma pesquisa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, citada por Dreyfuss, num conjunto de 278 grandes grupos econômicos em atuação no Brasil, 189 grupos, ou seja, 68,4% do total, eram multinacionais ou grupos nacionais ligados ou associados a interesses

multinacionais. E esse "grupo multinacional e associado" não tinha apenas o seu poderio econômico a oferecer. Já tinha desenvolvido seus próprios quadros de técnicos, sua própria capacidade gerencial e sua capacidade política. Julgava-se no ponto, portanto, para tentar impor as próprias diretrizes políticas ao país.

**"Núcleo duro".** A ideia do IPES começa a surgir no final dos anos 50, com a articulação de um grupo de técnicos e executivos do Rio de Janeiro, todos ligados a multinacionais: o americano Gilbert Huber Jr. e os brasileiros Antônio Gallotti, Glycon de Paiva, José Garrido Torres e Augusto Trajano Azevedo Antunes. Fundamental, para os objetivos do grupo, foi o contato, definido desde logo como prioritário, com oficiais das Forças Armadas — e nesse sentido o futuro "núcleo duro" do IPES foi encontrar sua contrapartida perfeita, em visão tanto política como econômica, no "núcleo duro" da Escola Superior de Guerra, onde foi arremeter colaboradores como Golbery ou o general Jurandir Bizarria Mamede.

A partir de sua fundação efetiva, em novembro de 1961, o IPES será o *politburo* do próprio partido dos empresários brasileiros, e este é outro dos méritos do livro de Dreyfuss: mostrar que havia, sim, um partido dos empresários. "Uma suposição errônea que permeia a literatura político-histórica brasileira é a da tradicional falta de interesse político dos empresários e sua submissão aos desígnios dos políticos profissionais e burocratas", escreve Dreyfuss. Contudo, "a ideia de existência de uma classe dominante amorfa, sem consciência de seus próprios interesses, que, conseqüentemente, deveria ser orientada pelo Estado, na conjuntura crítica do início da década de 60, não resiste à evidência de um estudo cuidadoso".

Dreyfuss conclui seu trabalho com a demolição de outra crença a seu ver equivocada: a de que o movimento de 1964 possa ser descrito como uma "intervenção bonapartista dos militares". "O que se supôs haver de comum entre o caso do Brasil e o Estado bonapartista original foi o fato de o aparelho militar-burocrático tomar o poder, a despeito das classes dominantes, a fim de comandar o Estado, para que os interesses dessas classes pudessem prevalecer", diz o autor. "Na realidade, foi o bloco de poder liderado pelo IPES que reorganizou o Estado e tentou consolidar sua posição."

Em suma, em 1964 a classe que já predominava na vida econômica do país completa seu assalto ao Estado. O partido dos empresários instalava-se no poder.